













LIVRARIA TRAVESSA TRAVESSA TRAVESSA

TRAVESSA TRAVESSA TRAVESSA

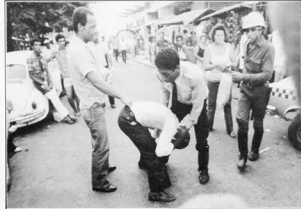
TRAVESSA TRAVESSA TRAVESSA

LIVRARIA TRAVESSA TRAVESSA

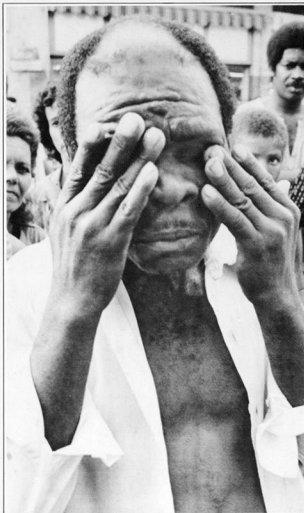


Drummond

A EXCITANTE FILA DO FEIJÃO



Campo Grande, Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1980. "Há gritos, há desmaios, há prisões. Esperar é que vale... enquanto leva as suas bordoadas"



José Luis Valentim, agredido e preso ao protestar por não ter mais feijão, quando chegou a sua vez, depois de 11 horas na fila. "Se levava cassete na cabeça..."



Larga, poeta, à mesa de escríto, esquece a poesia burocrática e vai cedinho à fila do feijão.

Cedinho, eu disse? Vai, mas é de véspera, seja noite de estrela ou chuva grossa, e sem certeza de trazer dois quilos.

Certeza não terá, mas esperança (que substitui, em qualquer caso, tudo), uma espera-espérance de dez horas.

Dez, doze ou mais; o tempo não importa quando aperta o desejo brasileiro de ter no prato a preta, amiga vagem.

Camburões, patrulhinhas te protegem e gás lacrimogêneo facilita o ato de comprar a tua cota.

Se levava cassete na cabeça ou no braço, nas costas, na virilha, não o levava a mal: é por teu bem.

O feijão é de todos, em princípio, tal como a liberdade, o amor, o ar. Mas há que conquistá-lo a teus irmãos.

Bocas oltem a mil vão disputando cada manhã o que somente chega para de vinte mil matar a gula.

Insiste, não desistas; amanhã outros vinte mil quilos em pacotes serão distribuídos dessa forma.

A conta-gotas vai-se escondendo o estoque armazenado nos portões do Estado. Assim não falta nunca feijão-preto (embora falte sempre nas panelas).

Método esconde-plinga: não percebes que ele torna excitante a tua busca?

Supermercados erguem barricadas contra esse teu projeto de comer. Há gritos, há desmaios, há prisões, suspense à la Hitchcock ante as cerradas portas de bronze, guardas do escondido papilionáceo grão que ambicionas.

É a grande aventura oferecida ao morno cotidiano em que vegetas. Instantes de vibrar, curtir a vida na dimensão dramática da luta por um ideal pedestre mas autêntico: Feijão! Feijão, ao menos um tijquinho!

Caldinho de feijão para as orações... Feijoadá, essa não é sorbo puro, mas um feijão modesto e camarada que lembra os tempos tão desmoronados em que ele florescia atrás de casa sem o olho normativo da Cofel.

Se nada conseguires... tudo bem. Esperar é que vale — o povo sabe enquanto leva as suas bordoadas.

Larga, poeta, o verso comedido, a paz do teu jardim vocabular e vai sofrer na fila do feijão.

"...e vai cedinho à fila do feijão... e sem certeza de trazer dois quilos."

*Reflexão: suas fotos deram mais vida ao meu verso
Carlos Drummond de Andrade*

Carlos Drummond de Andrade